

PERCURSO PELO TERRITÓRIO DO HUMANO

Elis Crokidakis Castro

RESUMO: *A viagem proposta é no humano território do **Território Humano**, obra de José Geraldo Vieira, que mapeia, além da cidade do Rio de Janeiro, a memória de quatro décadas da vida de José, ao percorrer um itinerário que traça uma íntima e intrincada relação entre tempo/espaço/realidade/memória e ficção.*

Palavras-chave: José Geraldo Viera – ficção – poética do espaço

Escrever a respeito de um corpo que viaja é, como afirma a nossa ementa, inserir um corte transversal nos diferentes ritmos do tempo, e isso é feito em o **Território Humano**, 1936. Trata-se do romance de José Geraldo Vieira, em que o autor faz um passeio pela infância e vida adulta, até mais ou menos a idade de 40 anos, de um personagem também chamado José.

O romance tem início com a saída dos Açores e a vinda para o Brasil de uma família de portugueses que vem tentar a vida no Rio de Janeiro: José Germano - um menino bem pequeno -, seu irmão gêmeo e seus pais Rosa e Manuel. O irmão de José acaba por falecer durante a viagem de navio.

A família se fixa na Rua Clapp, centro do Rio e toda trama se passa pelos bairros que serão habitados pelo escritor ao longo de sua vida.

José Germano perde cedo os pais e passa a viver com um casal de amigos da família, que lhe dá o que de melhor possuem: além de amor, uma vida abastada e estudos. Forma-se em medicina e vai para Paris, onde complementa seus estudos. Ao retornar ao Rio José se casa com Norma, sua prima emprestada.

Essa é a primeira fase do romance autobiográfico. A segunda fase acontece no Rio de Janeiro, quando José Germano, já casado e com filhos, se envolve num caso amoroso. Apaixona-se perdidamente por Maria Adriana, que também é casada e tem um filho. Vivem ardentemente essa paixão até que Maria Adriana é morta por um amigo de José Germano.

A trama romanesca parece simples à primeira vista, no entanto, se formos perscrutar seus meandros nos deparamos com uma enormidade de temas por ela desvelados. Temas como a obra autobiográfica, o território do humano e do espaço carioca, a classe burguesa carioca e a classe artística, a profissão tradicional e a veia literária, as relações extraconjugais e tantos outros.

O primeiro elemento e foco dessa nossa análise é exatamente o território. Esse, apesar de passar por vários espaços geograficamente delimitados no concreto - bairros, cidades e países -, fixa-se no território do ser.

Antes de buscarmos nos personagens suas mais profundas questões - já que não são poucos e muito diferentes entre si -, é importante acentuarmos a relação tempo/espaço que o romance estabelece. Digamos que a história começa em Portugal na geração do avô de José Germano, segue com seus pais, o próprio José e seus filhos. O trajeto é do imigrante que aporta no Brasil no século XX e se estabelece no Rio de Janeiro, um dos lugares mais escolhidos pelos portugueses para morar. A primeira fase do romance mostra a cidade do Rio sendo o palco. Machadianamente o centro da Cidade, Laranjeiras e Tijuca são recorrentemente descritos.

José morava com os pais na Rua Clapp, perto do porto, no Centro, e inicia sua história fazendo o trajeto do Centro até a Rua Alice, Laranjeiras - da página 10 à 14. Todo o centro histórico e os bairros são descritos: desde aspectos humanos à arquitetura, os meios de transporte, como o bonde. O trajeto do bonde aparece literalmente transposto e mostra lugares ainda hoje existentes, dentre eles o Café Lamas no Largo do Machado. E hoje, mesmo sem os bondes, é possível percorrermos este espaço ainda marcado pela arquitetura de diversos estilos, seja no Catete, com seus edifícios comerciais e seus sobrados, seja na Rua Alice, com seus casarões antigos que ainda resistem à especulação imobiliária.

Em sua observação da arquitetura da Rua Alice diz o narrador: “(...) rente às calçadas, alguns sobrados de ambíguo estilo ‘mestre-de-obras’; depois, recuadas (...) casas medíocres, de aluguel; daí para cima, construções burguesas, desde chalés comuns e vilas ‘art nouveau’, até residências rodeadas de jardins” (TH, 1972, p.13).

O mais interessante dessa descrição modelo realista do século XIX é o relato das sensações que o menino julgava ter a sua mãe, quando foi deixá-lo na casa dos Zéios, para que ele ficasse uma temporada, enquanto eles viajavam. Nesse trajeto o menino sentia que a visita não seria apenas momentânea e demonstra toda a sua angústia ao perceber que a mãe estava perturbada com o que representava a ida à Rua Alice, o silêncio da viagem não era comum.

É nesse ponto, justamente, que se evidencia a diferença entre uma narrativa realista e a de José Geraldo. Não é apenas o espaço que merece ser exaltado. Na verdade a função desse espaço, nesse momento, é atenuar o turbilhão de emoções que viviam os personagens nele presentes. Ou seja, o que importa nesse caso é a humanidade e, consequentemente, os sentimentos que são desvendados. As comparações feitas na narrativa levam o leitor a descortinar esses sentimentos.

Daí podermos falar sobre a característica da obra desse escritor, que não se insere no modelo vigente de tempo/espaço da literatura modernista. Creio que ele antecipe o período da literatura intimista, psicológica. Porém o faz porque a sua literatura tem um viés que lembra a literatura do Decadentismo.

Deixando para depois a humanidade dos espaços, observamos que também o tempo é um elemento marcante. De cunho memorialista, o narrador, distanciado apenas pelo tempo, observa o que ocorre com o menino e tudo sabe sobre seus sentimentos, vai e volta no tempo, detonando um sentir um pouco saudoso. Composições com discursos indiretos e diretos dão dinamicidade ao texto, fazendo com que o leitor perceba que tem mais de vida do que de ficção naquele relato, pelo menos na primeira fase do romance.

Voltando ao espaço, depois da Rua Clapp é a Rua Alice que passa a ser o território foco. Toda a infância se passa nesse casarão da Alice, no morro que vai dar em Santa Teresa e no Rio Comprido. Várias são as idas ao centro do Rio: cafés, livrarias, teatro, lugares que ainda existem e que são parte do universo da cidade que se compõe.

Na segunda etapa do romance o marco já é o bairro da Tijuca, a Muda, no casarão número 824 da Rua Conde de Bonfim - o qual, recentemente em junho de 2007, após uma restauração, tornou-se o Centro de Referência da Música Carioca. Nesse momento José, casado e adulto, dirige seu carro e com ele circula por lugares mais distantes: Barra da Tijuca, Alto da Boa Vista, Copacabana, Ipanema, Leblon, Gávea, ou seja, é um tributo às belas paisagens da cidade do Rio e também a outras, uma vez que Paris aparece na história.

São espaços que transcendem o texto e que têm vida própria, o que é uma característica da obra de José Geraldo, sendo visível que o território - espaço/palco/cenário da trama - é cuidadosamente demarcado, como o faria um topógrafo. Nomes de ruas, localizações, detalhes de espaços são tão claros que podemos montar mentalmente um mapa da Cidade quando lemos o romance. De maneira alguma o leitor atento deixará de ver nas entrelinhas dessas descrições, ou misturadas a elas, o mapa mental das agonias, aflições, dores, remorsos e alegrias de seus personagens. Assim, podemos dizer que a conjugação desses dois territórios - topográfico e sentimental - é muito bem dosada no romance.

Se fizermos uma análise só do espaço certamente identificaremos o que Bachelard nos mostra em sua **Poética do Espaço**: as representações de cada canto como elemento definitivo de composição, não só do ambiente, mas dos personagens, das pessoas na sua intimidade.

Por outro lado, embora seja a mente humana desvelada, não estamos diante de um romance intimista, em que as questões são esmiuçadas e elaboradas exaustivamente, aos moldes da psicanálise. Estamos diante de relatos de vida, de ações de pessoas que têm suas implicações expostas para serem pelo leitor avaliadas e julgadas.

Nesse ponto seu romance é audacioso, porque ele não é um contador de caso, nem um leitor crítico de sua realidade, tampouco um realista convicto aos moldes do final do século XIX, que denuncia a realidade. Também não é um regionalista, como neo-realista, que surge com a geração de 45. Sua

narrativa busca, na verdade, ser aquilo que se vivenciava naquela época. Poderíamos até dizer que parece uma crônica de costumes, já que por ela é possível vermos como vivia a classe burguesa da década de 30: os portugueses que fizeram fortuna, os estudantes, a intelectualidade da época. Também é possível vermos os espaços marcantes, os lugares da moda, o que se fazia e o que se consumia. E, além disso, é possível vermos como era a cidade do Rio de Janeiro e como ela foi se transformando. No entanto, não existe na narrativa uma preocupação explícita em ser documento dessas coisas.

A paisagem é humanizada porque ela é vista como o lugar escolhido para o personagem. Ela faz parte da composição tanto do personagem, quanto de suas atitudes.

O romance é urbano, certamente, como todos os outros de José Geraldo Vieira, mas não faz da cidade apenas um ponto de apoio para a sua trama, ele vive a cidade em todos os seus recantos, dos mais famosos aos mais desconhecidos.

A história contada reflete alguns aspectos que são importantíssimos para entendermos as relações humanas que ali se passam. Não só a relação homem/mulher, mas as relações de amizade, de respeito e companheirismo, assim como relações de solidariedade. Essas, cremos, são as verdadeiras discussões do romance, que são, sem quererem ser.

Não podemos afirmar que se trata do seu melhor romance, pois ainda não lemos todos, mas de qualquer maneira ele faz com que entendamos um pouco mais sobre suas outras narrativas.

No caminho que leva a esse entendimento, o segundo elemento dessa escrita é a sua característica autobiográfica. Todos os críticos afirmam que a obra de José Geraldo tem esse perfil, entretanto, ele não é considerado um memorialista, como Pedro Nava, por exemplo.

Seus livros possuem uma alusão a ele próprio, à sua família e às pessoas que o cercam, mas não parecem querer contar somente isso.

Depreendemos da leitura de duas obras suas - **A mulher que fugiu de Sodoma** e **Quadragésima Porta** - elementos de pura criação ficcional, fruto de vasta leitura, conhecimentos literários e de crítico de arte. Mas em **Território Humano**, **Carta a Minha Filha em Prantos** e **Ladeira da Memória** em alguns aspectos já há elementos fruto de uma intenção em se desdobrar. Nesses textos o autobiografismo é mais presente, principalmente porque os dois primeiros textos se complementam, já que é muito interessante observarmos que em **Carta a Minha Filha em Prantos** há a ratificação do que foi visto em **Território Humano**. Na verdade, podemos dizer que mesmo o nome do romance sugere uma ambigüidade no campo da realidade e da ficção. Cremos que há uma relação subjetiva entre o tempo, a realidade vivida e a ficção criada como elemento da memória, como se essa fosse um corte de fato selecionado na realidade, mas sempre bebendo dessa.

Entretanto, é importante dizermos que nos outros romances, pelo menos em **A Mulher que fugiu de Sodoma**, **Quadragésima Porta** e **Ladeira da Memória**, embora não tenhamos uma história com alto grau de verossimilhança, há personagens que também podem ser desdobramentos do autor. Ou seja, mesmo mascarado por seus personagens, não é difícil notarmos a figura do próprio José Geraldo Vieira nesses seus outros romances. Certamente que ao final de nossa pesquisa teremos um melhor posicionamento a respeito desse fato.

O início do exercício de autobiografismo talvez tenha se dado no romance **Território Humano**, cuja história já conhecemos. Mas o que nos faz pensar no desdobramento dessa história como a própria história de vida de José Geraldo Vieira são elementos romanescos. O personagem principal é médico como o autor, habita os mesmos lugares e tem a mesma vida. E isso, posteriormente, é constatado em seu livro **Carta a Minha Filha em Prantos**.

Aliás, o próprio José Geraldo Vieira afirma em sua obra **Ladeira da Memória** que vários autores tentam falar em sua arte sobre a comunicação dela com a própria vida. Na verdade, pensam que toda criação literária em algum momento possa ser um reflexo de algo que tenham visto ou vivido. Mas o que difere de fato esse ponto de vista do autor é o grau de importância que ele dá a sua própria vida, ao seu meio e ao grau de verossimilhança da ficção com a sua própria vida.

José Geraldo Vieira é um romancista marginal, como já nos disse Bosi em seu livro **História Concisa da Literatura Brasileira**, já que escrevia numa linha contrária a de toda a nossa literatura nas décadas de 30 e 40. E, ainda, segundo o crítico, é mais fácil encarar José Geraldo como marginal a essas

gerações do que colocá-lo no campo da prosa psicologizante, embora ele a apresente em vários romances.

O que entendemos é que o autor não tem uma obra que se enquadre bem no contexto literário do momento em que ele escrevia, pois que representa a voz de uma classe burguesa altamente refinada - fato incontestável -, mas também representa a posição clara que ocupa o intelectual. O que se comprova com o romance em questão – **Território Humano** - é que são muitas as referências aos círculos de intelectuais, aos locais freqüentados por eles e, ainda, a uma marcante influência da *belle époque* carioca.

Na narrativa, enquanto vivenciamos o dia a dia da classe burguesa do Rio de Janeiro, experimentamos também certa cumplicidade entre a burguesia e o intelectual daquele momento. Sem dúvida que o intelectual no Brasil, normalmente, é derivado da classe burguesa e José Geraldo Vieira dessa classe provinha.

Mesmo tendo perdido muito cedo os pais, que não eram burgueses, foi criado pelos Zéios, que eram: o tio, um comerciante, e a tia, provinda de família abastada produtora de café do sul fluminense. Assim, personagem José nunca teve que batalhar pelo seu sustento. Mesmo depois de formado, não era com o dinheiro de seu trabalho que ele mantinha a sua família. Talvez isso depois tivesse mudado, mas nesse romance é óbvia a dependência que José Germano tinha dos tios.

Esse “pacto” da burguesia com a intelectualidade não é algo novo, constitui-se também aqui a relação de mecenato. A família apoiava a veia artística de José Geraldo Vieira e a incentivava.

A sociedade retratada pelo autor nesse romance, repito, é a burguesia carioca. No entanto, em seu livro existe um contraponto com uma outra classe, representada por um imigrante nordestino, que era um poeta que acaba por enlouquecer. José Geraldo diz em **Carta a Minha Filha em Prantos** que ele era Cássio Murtinho, o poeta, em certos aspectos.

Cássio, nordestino, intelectual, é o responsável pelo desfecho trágico. Podemos dizer que Cássio se torna um anti-herói da segunda fase do romance e desenvolve uma obsessão por José Germano, um misto de sentimento de inferioridade e perseguição. Ele achava que José Germano, que sempre tentou ajudá-lo, copiava seus poemas, que ele guardava num baú inviolável.

Sem dúvida, um caso patológico, mais um entre os muitos que freqüentam os romances de José Geraldo Vieira. Talvez por ser médico seja tão fácil para o autor se remeter a essas doenças para dar um fim aos seus personagens.

Mas essa análise de classe e a sua representação dentro da estrutura do romance não apresentam um papel primordial. O foco mais intenso é o olhar detido do romancista sob o humano, sob as questões existenciais. É aí que vislumbramos os mais diversos tipos e suas relações - o humano território entendido aqui como o campo fecundo da subjetividade de cada personagem.

É lógico que não cabe ao livro ser um tratado de psicologia, nem é a intenção do autor. Por isso ele não enche a narrativa de intimidades, conflitos insolúveis como na escrita psicologizante. Os personagens são naturalmente descritos em suas ações e modos de ser. A narrativa não pára para descrevê-los, ela caminha sob uma linearidade que vai displicentemente mostrando nas ações as formas de ver dos personagens, sem que eles se exponham de maneira direta, com adjetivos que denotem suas construções. Dessa forma, a escrita flui com certa leveza, sem a densidade de outros escritores que são marcos desse tipo de escrita. Não parece uma autoreflexão, mas essa existe.

Os personagens são muitos: o burguês - que organiza a casta social e a sustenta -, o músico Heitor, a freira Bettina, o funcionário público de alto escalão, o diplomata, o médico, os empregados domésticos e os intelectuais. Cada um tem seu discurso marcado por seus papéis sociais.

Podemos ver nesse livro como determinadas pessoas são julgadas pelo papel social que representam. Às vezes o papel chega a ser um tanto ou quanto determinista quando observamos o reflexo na vida das pessoas. Como exemplo temos Heitor, músico, que influenciou a infância de José Germano, mas que teve vida desregrada de artista e acaba fugindo de uma relação que teve com uma mulher casada. Outro exemplo é Bettina, irmã de Heitor e da Zéia, que ajuda a criar José e que decide ser freira por causa do desgosto sofrido pelo sumiço do irmão, ou seja, numa mesma família aparecem os tipos mais variados, ficando evidente a diversidade entre as pessoas.

Na segunda fase do romance, não podemos dizer que haja uma completa fidelidade com a vida de José Geraldo Vieira. Talvez sim, talvez não, nossa intenção é tentar descobrir se isso ocorre através de cartas e documentos de seu acervo pessoal que se encontra na Fundação Casa de Rui Barbosa, que estamos pesquisando.

De qualquer forma, é no livro **Carta a Minha Filha em Prantos** - que é uma carta pessoal - que o autor fala sobre **Território Humano** e o elucida através de uma escrita labiríntica e autobiográfica. Não afirmamos que toda a carta seja caracterizada por esse tipo de escrita, mas ela aparece na parte em que José Geraldo fala de sua obra, principalmente do livro ora em exame.

Referimo-nos à escrita labiríntica, como no Decadentismo, porque além de girar em torno de si mesma e de elementos intertextuais, faz com que o leitor se perca nos seus meandros, sendo necessário um fio de Ariadne muito longo para que o leitor se encontre, e não seria demais dizer que só se encontrará na própria obra de José Geraldo Vieira. Queremos dizer com isso que a obra do autor se auto-complementa para levar o leitor para a saída do labirinto, caso esse leitor deseje sair, é claro.

Por mais que o leitor seja atento, sempre haverá um elemento, nesse trajeto, que se perderá. A intertextualidade, recurso infinitamente usado por José Geraldo, seja com elementos literários, seja com a música e as artes plásticas, tornam suas obras muito ricas e, às vezes, mais herméticas do que parecem. Ousamos dizer que sua escrita é como aquela do simulacro, que é e não é, que diz muito mais do que podemos ver numa só leitura. A cada leitura descobrimos novos elementos e o autor se auto-explica em seus livros.

Assim é que percebemos o quanto sutil é a linha que perpassa a realidade, a memória e a ficção.

A realidade, podemos dizer, tem a representação que damos a ela. Para usarmos uma concepção bem pós-moderna, dizemos que a realidade de cada livro é aquela elaborada para o momento. Um mesmo personagem tem várias histórias, pois são várias as leituras que temos de nossa própria vida, cada dia a vemos de forma diferente.

Diante disso, o que é então a memória? Lembrança de algo que passou? Sim, mas lembranças selecionadas pela nossa mente, pois se lembrássemos de tudo enlouqueceríamos. Essa memória é aquela que passou pela leitura e pela interpretação do autor, e só assim pode ser representada. Na ficção então fica o sumo dessa relação intrincada entre todos esses elementos anteriores.

Na ficção tudo pode aparecer: o que é real e o que é imaginário, com a total liberdade de expressão, de criação de fatos e de imagens. Na ficção, o autor pode ser não só um, mas muitos; pode em suas obras estar em todos os personagens, com um pouco de si em cada um, como pode não ser nenhum; pode se inventar e destruir; pode se construir e desconstruir, pode morrer e nascer ao mesmo tempo - todos os paradoxos são possíveis para o criador.

Assim, mesmo sob as amarras tradicionais do tempo e do espaço, o autor, ou personagem, ou narrador, pode se desvencilhar de tudo tirando a linearidade do tempo, fazendo tempo e espaços não reais, inventando sua memória, como é possível fazer com um robô que nasce oco e que vive através de um chip. Nós compomos a memória que quisermos, trocamos sua memória a cada hora.

Esse é o grande “barato” da ficção, entretanto, é complexa a posição desse escritor que transita entre o real e o ficcional. Ele se perde entre esses dois universos e a sua obra é um misto que nos intriga ao tentarmos entender em que lugar entra o real e em que lugar entra a ficção.

No lugar do real o cotidiano é mais forte e por ele os personagens aparecem independentemente de seu papel, ou discurso. Não cabe a análise do alto padrão da classe burguesa da época, elite que tinha a influência sobre os âmbitos dos poderes constituídos. Sabemos que por esse alto padrão social foi possível ao escritor/ médico/personagem viajar para Europa, estudar e passear, ambientando assim seus romances, assim como ter acesso à cultura mais tradicional. Elementos para o misto a que nos referimos acima.

Dentro ainda das observações sobre o território real e o da ficção temos questões existenciais e de relacionamento. Percebemos nesse ponto um longo e tortuoso caminho no que diz respeito ao casamento. Sem dúvida que o casamento é uma das pedras fundamentais da sociedade burguesa, por muitos motivos que não vêm ao caso expor, mas que são partes importantes desse romance.

Percebemos no livro vários tipos de casamento: relações conservadoras, relações abertas, relações por conveniência, relações extraconjugais e muitas outras. É um emaranhado de elos que fazem o leitor do século XXI refletir sobre as formas como se realizavam os casais no início do século passado. Relações extraconjugais são sempre presentes, mas tratadas levemente, não deixando de ser, entretanto, determinantes de transformações nas pessoas.

Em todos os livros do autor por nós lidos, **Quadragesima Porta**, **Território Humano**, **Ladeira da Memória**, temos a presença de pelo menos uma relação vivida concomitantemente ao casamento.

Em **Quadragesima Porta**, Gonçalo (dandy) vai pelo mundo com sua amiga deixando sua mulher e filho em Portugal; em **Ladeira da Memória**, o médico, personagem principal, tem um caso com uma mulher que é casada e em **Território Humano** é José, médico e escritor, que vive uma relação fora do casamento.

Antes de casar, quando estava comprometido e vai para Europa, o personagem José vive vários casos amorosos e retorna para se casar com Norma, personagem que não tem muita expressão na trama, a não ser por ser a mãe de seus filhos. O casamento fora arranjado e José o manteve, mesmo que de fachada, como era o costume na época.

Reflexo de uma prática social, as pessoas não tinham mais uma relação concreta, mas se mantinham casadas. Ainda não havia o divórcio e se manter na condição de separado era algo difícil, principalmente para as mulheres, alvo maior dos preconceitos.

Logo, essa prática social - ter casos extraconjugais - era admitida com certa permissividade social. Tanto homens quanto mulheres se permitiam vivenciar esses casos.

Em **Território Humano** há dois casos marcantes: o de Heitor, músico que se apaixona por uma mulher casada e acaba sendo baleado pelo marido da mesma e o caso do personagem principal José, com Maria Adriana, ambos casados e com filhos.

O interesse de José por Adriana se inicia pela curiosidade do personagem em saber quem era seu leitor. Numa viagem de trem encontra uma mulher com um exemplar de seu livro. Num descuido da mulher, ao deixar o livro no acento, José se aproxima e busca o nome da dona do livro. Descobre que o livro é de uma amiga em comum. Essa descoberta torna mais fácil a aproximação que se dá com o tempo ao freqüentarem os mesmos lugares e pessoas. O relacionamento amoroso acontece, o casal vive intensamente a paixão, passeiam muito pela cidade do Rio, pelo interior, por Paquetá. Mas no intenso da paixão somente ela se mostra preocupada. Ela manifesta suas inquietações frente à vida e à relação de forma direta, com culpa. Ele não expõe sua face diretamente, apenas em forma de metáforas elaboradíssimas.

É marcante a forma natural que o narrador fala do personagem mulher, mas não se expõem enquanto homem. Ele jamais questiona seu comportamento frente àquela relação, vive-a. É avassaladora a paixão do casal a ponto de cometerem atos loucos.

Chama atenção a descrição de Maria Adriana que, como outras mulheres na literatura de José Geraldo Vieira, é uma mulher à frente de seu tempo, leitora de seus livros, inteligente, intelectual que discute com ele sua literatura. Existe toda uma aura intelectual que envolve essas mulheres, de uma força ímpar que não corresponde aos padrões vigentes. Talvez fosse o caso de investigar apenas essas mulheres como um alter ego do autor, quem sabe em um próximo trabalho.

Dessa forma, chegamos ao fim dessa viagem, do percurso pelo território do humano da obra de José Geraldo Vieira, que se vale do espaço geográfico real para desvendar a intrincada e frutífera relação entre tempo/espaço/realidade/memória e ficção.